

Esta publicação contempla os seguintes temas:



BRASIL



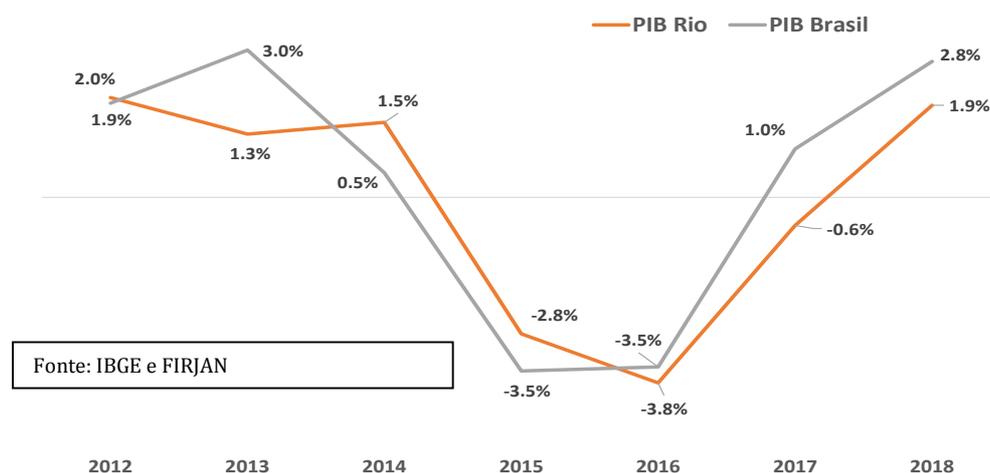
COMPETITIVIDADE



CUSTO BRASIL

PIB Brasil e Rio de Janeiro: resultados e projeções FIRJAN

A economia do estado Rio de Janeiro seguiu em direção contrária a do Brasil em 2017. A prévia do PIB fluminense calculada pela FIRJAN aponta queda de -0,6% em 2017, frente a um crescimento de 1% do PIB nacional. O gráfico abaixo ilustra as trajetórias do PIB Brasil e do Rio de Janeiro.



Por um lado, as indústrias extrativas (+3,0%) e de transformação (+1,8%) voltaram a crescer no estado, como observado em âmbito nacional. A retomada do setor de óleo e gás e o forte crescimento das exportações, especialmente as oriundas dos setores automotivo e metalúrgico, foram os fatores determinantes. Por outro lado, o setor de serviços registrou a terceira queda consecutiva no estado (-0,6%) e o setor da construção civil, a quarta queda consecutiva (-7,3%). No Brasil, o setor de serviços voltou a crescer (+0,3%), enquanto o da construção civil teve queda menos intensa (-5,0%) que a observada no estado. Os fatores que explicam esse quadro do estado são o elevado desemprego, que afeta a demanda por moradia e por serviços em geral, e a crise fiscal, cujos impactos resultantes são a redução do poder de compra por conta do atraso no pagamento de servidores e a menor demanda por obras de infraestrutura. De fato, o Rio foi o estado o que mais fechou postos de trabalho em 2017 e também está entre aqueles onde a crise fiscal é mais aguda.

Para 2018, esperamos um cenário de crescimento mais forte do setor industrial fluminense, tanto da indústria de transformação quanto da extrativa. Projetamos também a volta do crescimento da construção civil, na medida em que a expectativa é de retomada do emprego e de manutenção dos juros em patamares baixos – a retomada da arrecadação de tributos também pode ter efeitos positivos sobre os investimentos em infraestrutura. Por sua vez, o setor de serviços deverá apresentar crescimento, mas a recuperação deve ocorrer de maneira mais gradual em 2018, principalmente em função da situação fiscal e da baixa confiança das empresas fluminenses.

Abaixo, os resultados do PIB observado e do estimado pela FIRJAN, assim como dos seus componentes.

Resultados observados e projeções do PIB do Rio de Janeiro por componentes

Ano	Agropecuária	Indústria	Extrativa mineral	Transformação	SIUP	Construção civil	Serviços	VAB	PIB a preços de mercado
2012	5.3%	-0.2%	-3.5%	-0.8%	7.1%	7.0%	2.4%	1.6%	2.0%
2013	-0.6%	-2.4%	-7.4%	2.4%	3.3%	5.8%	2.7%	1.0%	1.3%
2014	3.2%	0.9%	4.5%	-4.5%	0.8%	-2.4%	1.7%	1.5%	1.5%
2015	-6.7%	-1.1%	4.7%	-9.8%	2.9%	-7.9%	-2.8%	-2.3%	-2.8%
2016	-16.6%	-4.1%	-0.1%	-6.4%	-3.7%	-7.8%	-3.1%	-2.8%	-3.8%
2017	3.2%	-0.1%	3.0%	1.8%	-3.2%	-7.3%	-0.6%	-0.4%	-0.6%
2018	-0.1%	4.3%	5.1%	5.6%	3.3%	1.4%	0.7%	1.5%	1.9%

No Brasil, o resultado do PIB de 2017 significou o fim da mais severa recessão da história do país. Crescimento sustentado na exportação de produtos agrícolas e industriais. A absorção doméstica voltou a crescer puxada pelo consumo das famílias, mas ainda é baixa. Após crescimento de 2,1% no 4º trimestre, o PIB encerrou 2017 com crescimento de 1,0% - resultado idêntico ao projetado pela FIRJAN. Entre 2015 e 2016, o PIB brasileiro acumulou retração de 7%.

Pela **ótica da oferta**, a principal influência positiva para o PIB brasileiro partiu da **agricultura**, cujo crescimento foi de 13,0%. Após três anos consecutivos de queda, a **indústria** apresentou estabilidade frente a 2016 (+0,0%). Houve recuperação das indústrias extrativas e de transformação, crescimento de 4,3% e 1,7%, respectivamente. A construção civil (-5,0%), por outro lado, ainda exerce influência negativa sobre o setor industrial, reflexo do ainda elevado nível de desemprego, que afeta a demanda por moradia, e da crise fiscal nos três níveis de governo, que tem efeito direto nos investimentos em infraestrutura. O setor de **serviços** também cresceu (+0,3%) em 2017, após dois anos consecutivos de queda. Medidas de estímulo ao consumo – como a liberação do FGTS – e a recuperação observada no mercado de trabalho e da massa salarial contribuíram para esse resultado.

Pela **ótica da demanda**, destaque para a retomada do consumo das famílias (+1,0%), associada às medidas de estímulo ao consumo e à melhora no mercado de trabalho, e para as exportações (+5,2%). Os investimentos seguiram em queda (-1,8%) pelo quarto ano consecutivo, refletindo em grande medida a forte contração da construção civil. Vale ressaltar, também, o crescimento das importações (+5,0%), após contração de 23% entre 2015 e 2016.

Para 2018, projetamos crescimento de 2,8% do PIB brasileiro. Apesar da não aprovação da reforma da previdência, o ambiente externo segue favorável, com liquidez internacional ainda elevada e retomada do crescimento econômico nos principais parceiros comerciais do Brasil. Além disso, a inflação e a taxa de juros permanecerão baixas em 2018. Assim, nossa expectativa é de continuidade do crescimento das exportações e crescimento mais intenso da demanda doméstica.

Para a **indústria brasileira**, esperamos recuperação mais robusta em 2018, com crescimento da extrativa, da transformação e da construção civil. A **indústria extrativa** se beneficiará dos novos leilões de petróleo. Isso deve resultar em efeitos positivos sobre a indústria de transformação. Dessa forma, além das exportações, que ajudaram a impulsionar a retomada do setor em 2017 e devem manter-se elevadas, a indústria de transformação deve contar com fatores como a retomada do setor de refino, de produtos de metal e de plástico, por exemplo. A **construção civil**, por sua vez, depende principalmente da retomada do emprego e da manutenção dos juros em patamares baixos, bem como da retomada dos investimentos em infraestrutura.

Na **agropecuária**, a expectativa é de um crescimento menor em 2018, diante da perspectiva de queda de 6% na safra, divulgada pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA – IBGE). A influência positiva no setor poderá vir da produção pecuária, especialmente se superados os embargos à carne brasileira definidos por alguns

países em 2017. No caso do setor de **serviços**, nossa expectativa é de que o setor apresente crescimento mais robusto em 2018, por conta continuidade da retomada do emprego e da renda.

Pela ótica da demanda, o **consumo das famílias** deverá ser o componente propulsor do PIB. Como já mencionado, a recuperação do mercado de trabalho e a expansão do crédito, por conta dos efeitos defasados da queda dos juros, deverão levar a um maior crescimento deste componente. Para os **investimentos** a expectativa é de retomada em 2018, após queda acumulada de aproximadamente 30% nos últimos quatro anos. Para isso, é imperativo um crescimento mais robusto do setor industrial, com destaque para recuperação da construção civil.

Por sua vez, a balança comercial pode sofrer uma reversão a partir deste ano. Há a possibilidade das importações passarem a crescer mais que as exportações. Neste caso, será determinante a recuperação da atividade doméstica e o comportamento do câmbio (sob forte incerteza por conta das eleições). As exportações, por sua vez, devem manter sua trajetória de crescimento, ainda que em menor patamar na comparação com 2017, impulsionadas pelo cenário externo favorável.

EXPEDIENTE: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) - Av. Graça Aranha, 01 CEP: 20030-002 - Rio de Janeiro. **Presidente:** Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira; **Vice Presidência Executiva:** Ricardo Maia; **Gerente de Estudos Econômicos:** Guilherme Mercês; **Coordenador da Divisão de Estudos Econômicos:** Jonathas Goulart; **Equipe Técnica:** Tomaz Leal. Informações: economia@firjan.com.br
Visite nossa página: <http://www.firjan.com.br/publicacoes/publicacoes-de-economia/default.htm>